

PALAVRAS TAMBÉM TÊM HISTÓRIA

Vito Manzolillo (Unesa)

VIARO, Mário Eduardo. *Por trás das palavras: manual de etimologia do português.* São Paulo: Globo, 2004, 377 p.

Nos últimos anos, o mercado editorial brasileiro tem sido invadido por várias publicações dedicadas à abordagem de aspectos diversos ligados à etimologia.

Títulos como *De onde vêm as palavras* I e II e *A vida íntima das palavras: origens e curiosidades da língua portuguesa* (Deonísio da Silva), *A casa da mãe Joana* I e II (Reinaldo Pimenta), *Palavras sem fronteiras* (Sergio Corrêa da Costa), *A origem curiosa das palavras* (Márcio Bueno), *Por dentro das palavras da nossa língua portuguesa* (Domício Proença Filho) e *1001 estrangeirismos de uso corrente em nosso cotidiano* (Ernani Terra *et al.*) têm despertado a atenção dos interessados no tema. Até mesmo Marcelo Duarte, jornalista responsável por uma série de “guias dos curiosos”, lançou um volume relativo à língua portuguesa.

Sem querer desmerecer ninguém, em muitos casos, as leituras anteriores nada mais eram do que passatempo ameno surgido das penas – ou das teclas – de autores esforçados e sem formação específica na área de Letras – o que, fique bem claro, por si só não constitui demérito algum –, cujos textos visavam muito mais ao público geral do que aos especialistas em filologia, lingüística ou língua portuguesa.

Outra é a situação deste *Por trás das palavras*, do filólogo e professor de língua portuguesa da USP Mário Eduardo Viaro, que vai interessar, de maneira especial, ao estudioso de gramática histórica do português, apesar de, na introdução de sua obra, o autor afirmar que pretendeu atingir também os leigos (p. 15).

O livro encontra-se dividido em duas grandes partes, havendo ainda a introdução já mencionada. Na primeira seção, conceitos como os de *raiz*, *radical*, *forma popular*, *forma erudita*,

forma semi-erudita, caso, forma divergente, forma convergente e metaplasmo, importantes para estudos de cunho histórico, são discutidos.

Nessa primeira parte, há espaço igualmente para alguns comentários pertinentes ao *empréstimo lingüístico*, sem dúvida alguma, um assunto que se encontra “na moda” na atualidade. Na página 59, por exemplo, ao explicar que

...não fomos nós, brasileiros, que inventamos a Informática, então por que rejeitaríamos os termos do país em que se originou essa Ciência? Também não inventamos o *violino* e o *violoncelo* e usamos os termos italianos desde o século XVI. Não inventamos a *pizza*, a *lasanha*, o *estrogonofe*, o *hambúrger* [*sic*] ou o *sushi*, e não me consta que precisemos de nomes alternativos para eles,

o autor indiretamente expõe a causa mais comum para a ocorrência de empréstimos, causa essa que, muitos séculos atrás, já se encontrava refletida nas seguintes palavras do poeta latino Horácio (65 – 8 a. C.): *Verba sequuntur rem (As coisas são seguidas pelas palavras)*.

Nas duas páginas seguintes, o professor Viaro apresenta, com base no dicionário Zingarelli da língua italiana, alguns portuguesismos em processo de internacionalização (*autodafé, bossa nova, favela, samba e viado*), os quais servem de pretexto para que o mestre comente que “antes de lançarmos batalhas quixotescas contra invasões de termos estrangeiros, é preciso observar que também exportamos palavras para as demais línguas do globo” (p. 61).

Mais adiante (p. 94), dedica algumas linhas ao *decalque*, empréstimo insidioso e camuflado, cuja existência, freqüentemente, escapa ao falante comum. Nas palavras do autor, trata-se de

...uma espécie de tradução literal para o vernáculo dos elementos que compõem um determinado vocábulo, como encontramos na palavra *cachorro-quente*, composição que não foi criada no português, mas montada por decalque a partir do inglês *hot dog*.

A segunda parte da obra se presta a examinar os elementos não-latinos do léxico do português, encontrando-se dividida em capítulos dedicados a afixos e raízes gregas e a

palavras pré-românicas, germânicas, árabes, ameríndias, africanas e asiáticas. Há ainda um capítulo sobre etimologia dos nomes próprios.

Na conclusão do estudo (p. 335), encontram-se, de forma resumida, “os passos de uma etimologia confiável”, apresentados e discutidos ao longo do manual. São eles:

- 1) conhecimento da estrutura e do léxico das línguas-fonte;
- 2) conhecimento do momento histórico do contato da língua-fonte com a língua estudada;
- 3) datação dos textos que comprovem os étimos ou que justifiquem a sua reconstrução;
- 4) conhecimento dos metaplasmos regulares da passagem da língua-fonte para a língua estudada;
- 5) conhecimento da frequência de uso das palavras nas línguas em questão.

No final do volume, dois índices (um de palavras e outro de assuntos) facilitam a consulta a este oportuno lançamento da Globo.